



SAIR OU FICAR NO CAMPO? A MIGRAÇÃO DE JOVENS MULHERES *GO OUT OR STAY IN THE FIELD? MIGRATION OF YOUNG WOMEN*

Autor(es): Lethicia Camila Dorce ¹; Denise Wochner ²

Filiação: Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

E-mail: lethiciadorce@hotmail.com¹; de_murakami@hormail.com²

Grupo de Trabalho (GT): GT5. Agricultura familiar e ruralidades

Resumo:

A continuação da agricultura familiar está ameaçada devido à evasão dos jovens do campo, principalmente de jovens mulheres, fato que consequentemente vem provocando a “masculinização” e o “envelhecimento” do meio rural. Diante disso, esse estudo teve por objetivo analisar os fatores que influenciam a decisão das jovens mulheres do assentamento Guanabara, localizado em Amambai, Mato Grosso do Sul, em permanecerem na área rural ou migrarem para os centros urbanos. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo, com abordagem qualiquantitativa. Os dados foram coletados por meio de questionários e realização de uma entrevista específica semi-estruturada para os dois grupos de jovens mulheres: as que já saíram do assentamento (Grupo-1) e as que ficaram (Grupo-2). Os dados foram analisados usando as técnicas de análise de conteúdo e interpretados utilizando a estatística descritiva com o software Excel 2010. Encontramos que os principais fatores que contribuíram para a continuação de jovens mulheres no campo foram: fatores relacionados ao contexto familiar. Enquanto que os principais fatores que influenciaram o processo migratório foram: estudo e emprego. Ao comparar os dois Grupos, verificou-se que as entrevistadas do Grupo 1 apresentaram maiores níveis de satisfação. Uma das possíveis explicações é que as jovens do Grupo 1 terem alcançado níveis mais elevados de formação educacional e desempenharem alguma atividade profissional comparando ao Grupo 2. De forma geral, concluímos que a migração das jovens mulheres ocorre devido à busca por níveis maiores de formação educacional e profissional, e uma das possíveis explicações para a migração, é a falta de acesso a formação tanto educacional quanto profissional inexistente ao meio rural.

Palavras-chave: Agricultura familiar, assentamento, evasão; exclusão, masculinização.

Abstract:

The continuation of family farming is threatened due to the evasion of young people from the countryside, especially young women, a fact that has consequently caused the “masculinization” and the “aging” of the rural environment. Therefore, this study aimed to analyze the factors that influence the decision of young women from the Guanabara settlement, located in Amambai, Mato Grosso do Sul, to stay in the rural area or migrate to urban centers, for this, field research was carried out, with a qualitative and quantitative approach. The data were collected through questionnaires and a specific semi-structured interview for the two groups of young women: those who left the settlement (Group-1) and those who remained (Group-2). Data were analyzed using content analysis techniques and interpreted using descriptive statistics with Excel 2010 software. We found that the main factors that contributed to the continuation of young women in the field were: factors related to the family context. While the main factors that influenced the migration process were: Study and employment. When comparing the two groups, it was found that the interviewees in Group 1 presented higher levels of satisfaction. One of the possible explanations is that the young women in Group 1 have achieved higher levels of educational training and perform some professional activities compared to Group 2. In general, we conclude that the migration of young women occurs due to the search for higher levels of educational and professional training, and one of the possible explanations for Migration is the lack of access to both educational and professional training that does not exist in the rural environment.

Key words: Family farming, settlement, evasion; exclusion, masculinization.



1. Introdução

A continuação da agricultura familiar está ameaçada devido à evasão dos jovens do campo, principalmente das mulheres, provocando a “masculinização” e o “envelhecimento” destes ambientes do campo (ABRAMOVAY, 2005). As mulheres ainda sofrem com a desvalorização das tarefas realizadas por elas dentro da propriedade rural (por exemplo, cultivo de hortaliças e criação de aves e porcos) por serem considerados serviços mais leves, classificados mais como uma ‘ajuda’, que acaba contribuindo para que elas assumam duplas jornadas de trabalho, dentro e fora do lar (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999).

A importância da participação feminina na agricultura não está restrita isoladamente a utilização de sua mão-de-obra nas tarefas produtivas, mas também nas atividades reprodutivas, na qual a mulher assume a continuidade da reprodução familiar, pois as mulheres são responsáveis pela alimentação e educação dos filhos. Estas atividades produtivas e reprodutivas normalmente não são valorizadas, resultando em um baixo reconhecimento do valor da mulher como agricultora, o que acarreta baixos salários que lhes são oferecidos ou na maioria das vezes ausência de remuneração (WEISHEIMER, 2007).

O trabalho desgastante, a falta de motivação e de autonomia na realização das tarefas agrícolas, a renda instável e as condições climáticas adversas são fatores destacados por Brumer (2007) para a evasão dos jovens do meio rural. No caso específico das mulheres, a falta de valorização das atividades desempenhadas contribui para a desmotivação e desinteresse para permanecerem na vida rural, o que resulta na evasão feminina para os centros urbanos em busca de autonomia financeira e reconhecimento (BRUMER; SPANEVELLO, 2008). Portanto, a expressiva quantidade de jovens migrando é consequência da desvalorização e da falta de perspectiva de uma qualidade de vida melhor no campo (ABRAMOVAY et al., 1998).

A saída dos jovens do campo aliado ao desinteresse da juventude em permanecer no campo é uma realidade preocupante. Os jovens rurais estão cada vez mais buscando oportunidades nos centros urbanos, muitas vezes motivados e incentivados pelos pais a se qualificarem, seja estudando ou mesmo trabalhando em atividades fora da agricultura (PANO; MACHADO, 2014).



Na década de 1990, o aumento migratório juvenil do campo para a cidade foi estudado por Camarano e Abramovay (1999). Eles diagnosticaram que a evasão da juventude do campo está concentrada nas seguintes faixas etárias: homens de 20 a 24 anos e mulheres de 15 a 19, sendo que a proporção é maior para as mulheres. Essa migração resulta em dificuldades para garantir a reprodução social das famílias rurais. Portanto, a permanência dos jovens no campo deve ser analisada, averiguando se os possíveis sucessores têm vocação para dar continuidade à propriedade e se tem interesse em desempenhar as atividades que antes eram realizadas pelos pais (MOREIRA, 2014).

Os estudos sobre sucessão e migração dos jovens rurais se tornam importantes, porque o verdadeiro agricultor possui raízes atreladas no meio rural e dificilmente outra pessoa desempenharia esta atividade caso não tivesse sido influenciado pela criação familiar. Portanto, a grande maioria das pessoas que permanecem no meio rural são os filhos dos agricultores (CARVALHO, 2007).

Contudo, este trabalho pretende analisar as perspectivas das jovens mulheres em permanecerem nos assentamentos rurais e quais são os fatores determinantes para elas permanecerem ou saírem do campo. Diante disto, se abordará a seguinte questão de pesquisa: quais são os fatores que influenciam a decisão das jovens mulheres da área rural do assentamento Guanabara, no Mato Grosso do Sul, em permanecer ou migrar para área urbana?

A relevância desta pesquisa se dá por dois motivos. Primeiro, agricultura familiar representa a base econômica de 90% dos municípios brasileiros com até 20 mil habitantes, sendo responsável por cerca de 35% do produto interno bruto nacional (BRASIL, 2017). Segundo, para que haja de sua continuação da agricultura familiar por jovens é necessário analisar os fatores que influenciam a decisão das jovens mulheres em permanecerem na área rural ou migrarem para os centros urbanos.

2 Agricultura familiar: A importância da sucessão

Segundo o art. 3º da lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006 da legislação brasileira, o agricultor familiar é aquele que contempla os seguintes requisitos: não detenha, a qualquer título, área maior do que quatro módulos fiscais; utilize predominantemente mão de obra familiar nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; tenha renda familiar preponderantemente



originada a partir de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; e dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família (BRASIL, 2006).

Um dos principais locais onde há concentração de agricultores familiares são em assentamentos rurais. Os assentamentos apresentam algumas particularidades, dentre elas: pequenas propriedades (lotes ou glebas) de terra, que são adquiridas pelos assentados. Geralmente a aquisição ocorre por meio da desapropriação de terras ociosas ou devido à baixa produtividade agrícola. Após adquirirem essas terras, há maiores possibilidades para os agricultores familiares produzirem, ter uma renda, moradia tendo assim melhores condições de vida. Nos assentamentos há também disponibilidade de crédito rural, assistência técnica, infraestrutura física, econômica e social (INCRA, 2022).

Os assentamentos rurais significam, a inclusão de novas terras ao processo produtivo do país, com novas formas e espaços de trabalho (INCRA, 2017). Desse modo, esses assentamentos representam a conquista do direito a terra por parte dos trabalhadores rurais, e constitui um espaço que permite garantir a segurança e a reprodução familiar (BERGAMASCO; NORDER, 1996).

Apesar disso, os assentamentos rurais enfrentam um desafio: a continuação e reprodução desses espaços produtivos, pois há indícios de que a juventude rural não deseja permanecer no campo. Este problema vem ganhando atenção de pesquisadores, que abordam e discutem as implicações desta falta de sucessores para o futuro dos assentamentos rurais (WEISHEIMER, 2007; DOTTO, 2011; FOGUESATTO, MACHADO, 2015; PANO, 2016).

Para muitos jovens filhos de agricultores assentados, a propriedade dos pais é considerada somente o local de residência, não existindo a possibilidade de se morar e trabalhar na área rural ao mesmo tempo. Enquanto que, para os pais, a terra é reconhecida como uma conquista familiar em relação à sua moradia anterior, sendo vista como um espaço de residência e de trabalho (FACIONI, 2013). Portanto, essas áreas rurais se transformaram em um local ideal de moradia para os jovens, sendo o trabalho e o lazer sejam oferecidos na cidade (WEDIG; MENASCHE, 2009).



3. Metodologia

3.1 Área de estudo

O estudo foi realizado no assentamento Guanabara, situado no município de Amambaí. O município de Amambaí está localizado ao Sul do Estado de Mato Grosso do Sul, apresentando divisão territorial com os seguintes municípios: Coronel Sapucaia, Tacuru, Aral Moreira, Laguna Carapã, Caarapó, Iguatemi e Juti. O município conta 34.730 habitantes em uma área territorial 4.202,324 km² (IBGE 2017).

O Assentamento Guanabara conta com 98 famílias que vieram de várias regiões do Brasil. De acordo com INCRA (2017), abrangeu uma área de 2.659,90 hectares e os lotes estão divididos em 20 hectares por família. A principal motivação para a seleção do local de realização da pesquisa é que não há trabalhos abordando a migração campo-cidade no assentamento Guanabara através de um recorte por gênero; isto é, analisando as jovens filhas de assentados.

3.2 Coleta de dados

Os dados primários foram coletados com a utilização de pesquisa de campo, por meio de entrevista específica semi-estruturada para os dois grupos de jovens mulheres: as que já saíram (migraram) do assentamento e as que ficaram. As entrevistas continham questões abertas e fechadas (os questionários encontram-se no anexo). A coleta de dados foi realizada com amostra de 30 jovens com faixa etária de 13 a 29.

A amostra foi dividida em 2 grupos de jovens mulheres. O (Grupo 1) foi composto por 20 jovens mulheres que saíram do assentamento Guanabara. O (Grupo 2) foi composto por 10 jovens mulheres que permaneceram no assentamento Guanabara. Optou-se por dividir a amostra em dois grupos, pois isso permitiu comparar os dois modos de vidas do meio rural e urbano. Os questionários foram elaborados visando analisar o processo migratório destas jovens e as motivações que levaram essas jovens mulheres a saírem do assentamento ou permaneceram no meio rural.

Para elaborar o questionário, nos baseamos na literatura disponível,



permitindo assim responder os objetivos do estudo. A coleta dos dados foi realizada na primeira quinzena do mês de Junho de 2017, de forma presencial com Grupo 2 devido à facilidade de encontrá-las, pois moram no assentamento em estudo. Enquanto que para a coleta de dados do Grupo 1 foi realizada por meio do *Facebook Messenger* por chamada em vídeo, porque as jovens mulheres deste grupo estão em diferentes localidades. Todas as entrevistas foram gravadas para se extrair o máximo de informações referentes ao tema investigado.

3.3 Análise dos dados

Depois da realizadas as entrevistas, os dados foram sistematicamente organizados e analisados usando as técnicas de análise de conteúdo com base na metodologia adaptada do estudo de Silva; Gobbi; Simão (2005). De acordo com esses autores, a análise de conteúdo é um método que permite decompor o discurso/fala para posteriormente identificar as unidades de análise ou grupos de representações possibilitando uma categorização dos fenômenos, facilitando a reconstrução de significados que mostrem uma interpretação e compreensão mais aperfeiçoada da realidade do grupo estudado.

A análise de conteúdo do banco de dados foi realizada em três fases. Primeiramente, todas as entrevistas foram digitalizadas para um documento em formato *Word*, na qual foram executados recortes de conteúdos, ou seja, foram excluídos partes do discurso irrelevantes, facilitando a interpretação do tema estudado. Na segunda etapa, definiu-se as categorias e subcategorias analíticas, em que os elementos de conteúdo foram identificados e agrupados em suas respectivas categorias e subcategorias, por meio da codificação das informações por semelhança de sentido.

Finalmente, por meio da técnica de categorização, todas as informações foram codificadas. Esses códigos foram quantificados constituindo duas matrizes de dados brutos. Uma matriz continha os dados do Grupo 1 e outra do Grupo 2. Através destas matrizes os dados foram interpretados utilizando a estatística descritiva com o *software Excel 2010*.



4. Resultados e discussão

4.1 Características socioeconômicas da amostra

A Tabela-1 demonstra as características socioeconômicas dos grupos analisados.

Tabela 1 – Características Socioeconômicas

Variáveis	Grupo ficou	Grupo saiu
Idade média (em anos)	17,2	24,45
Estado Civil		
Solteira (em %)	80,00	50,00
Casada (em %)	20,00	35,00
Divorciada (em %)	0	15,00
Tempo de Assentamento		
Morou média (em anos)	12,00	-
Saiu média (em anos)	-	6,00
Tamanho da propriedade		
Média (em alqueires)	8,4	8,5
Atividade Profissional		
Estudante (em %)	80,00	5,00
Dona de Casa (em %)	10,00	
Produtora Rural (em %)	10,00	5,00
Vendedora (em %)	-	15,00
Desempregada (em %)	-	20,00
Educadora (em %)	-	20,00
Secretária/Atendente (em %)	-	10,00
Autônomo (em %)	-	5,00
Auxiliar Administrativo (em %)	-	15,00
Auxiliar de Enfermagem (em %)	-	5,00
Escolaridade		
Fundamental Incompleto (em %)	80,00	-
Médio Incompleto (em %)	20,00	5,00
Médio Completo (em %)	-	40,00
Superior Completo (em %)	-	10,00
Superior Incompleto (em %)	-	30,00
Pós Superior (em %)		15,00
Total Geral	10	20

Fonte: Elaboração da autora

Considerando as características socioeconômicas, verificou-se que há diferenças entre os dois grupos, dentre elas: as médias de idade das jovens mulheres é mais baixa para o Grupo 2 comparado ao Grupo 1. A média do número de irmãos do Grupo 1 foi de 0.8 (irmãs) e 1.55 (irmãos). Para o Grupo 2 a média foi de 1.0 (irmãs) e 1.2 (irmãos). Este resultado indica que, conforme Garasky et al., (2001), quanto



mais elevado é o número de irmãos residindo na casa dos pais, maior é a probabilidade dos jovens saírem de casa, pois os irmãos que anteriormente deixaram o campo podem compartilhar a nova moradia com seus familiares.

O nível de escolaridade é mais elevado para o Grupo 1 comparado ao Grupo 2. Este resultado confirma estudos que discutem as limitações enfrentadas por jovens mulheres rurais, entre eles: Breitenbach; Corazza, (2019) que destacaram a dificuldade do acesso a escola e cursos profissionalizantes para os jovens rurais, devido a cidades distantes. Especificamente as jovens rurais enfrentam, além do isolamento territorial, as dificuldades financeiras em todas as esferas da vida (BEDNAŘÍKOVÁ et al., 2016).

De acordo com resultados verificamos que a grande parcela do Grupo 1 desempenha alguma atividade profissional. Observamos ainda que, as jovens mulheres do Grupo 1 atingiram maiores níveis de formação educacional e profissional em comparação ao Grupo 2. Portanto, concluímos que a grande maioria das jovens mulheres do Grupo ficou a maioria são estudantes e não desempenham nenhuma atividade profissional.

4.2 Por que ficar no campo?

A Tabela-2 apresenta a quantificação dos fatores justificados para a permanência no meio rural do Grupo ficou.

Tabela 2 - Quantificação dos fatores explicitados pelas jovens

Fatores Explicitados	Porcentagem
RELACIONADOS AO CONTEXTO FAMILIAR- (C1)	60,00%
Falta de Autonomia (S1C1)	20,00%
Imposição/ajudar a família (S2C1)	30,00%
Segurança familiar (S3C1)	10,00%
RELACIONADOS AO AMBIENTE- (C2)	30,00%
Liberdade (S1C2)	20,00%
Tranquilidade (S2C2)	10,00%
RELAÇÕES INTERPESSOAIS- (C3)	10,00%
Bem estar (S1C3)	10,00%
Total Geral	100%

Fonte: Elaboração da autora.

A partir da análise de conteúdo, os resultados das entrevistas foram agrupados em três categorias, classificadas em ordem decrescente de importância (%). As três



categorias são fatores: Relacionados ao contexto familiar (C1), Relacionados ao ambiente (C2), Relações interpessoais (C3). Essas três categorias explicam os motivos indicados pelas jovens mulheres permanecerem no meio rural.

A partir da C1, três subcategorias emergiram: Falta de autonomia (S1C1), Imposição/ajudar a família (S2C1) e Segurança familiar (S3C1). Os resultados indicam que a falta de autonomia das jovens mulheres em relação aos seus pais (S1C1) é um dos fatores para continuação das jovens mulheres no ambiente rural. A segurança do meio rural (S3C1) também foi indicada como um fator que influencia a preferência das jovens mulheres em ficar no campo.

A partir da C2, duas subcategorias emergiram: Liberdade (S1C2) e Tranquilidade (S2C2). Verificou-se que o sentimento de liberdade (S1C2) do modo de vida rural como um fator de atração positivo, exemplificado no discurso da entrevistada: *“Eu gosto muito [...] tem mais liberdade, dá para a gente fazer muito mais coisas do que na cidade.”* A permanência no campo não está restrita somente a liberdade, mas, também ao estilo de vida tranquilo que o ambiente rural oferece (S2C2).

A partir da (C3), somente uma subcategoria emergiu: Bem estar (S1C3). Os resultados indicam a identificação do sentimento de prazer a partir das relações interpessoais. A (S1C3) é exemplificada no discurso da entrevistada: *“É bem legal ficar aqui, tem as pessoas que eu gosto [...] a família, amigos, as coisas assim. Eu cresci aqui é bem legal, e se eu sair daqui vai dar saudade.”* Diante da análise dos discursos, compreendemos que, a principal categoria de fatores para a permanência refere-se ao contexto familiar.

4.3 Deseja sair do campo? Por quê?

A tabela-3 apresenta a quantificação dos fatores justificados para a saída no meio rural do Grupo 2.

Tabela 3 - Distribuição dos fatores explicitados pelas jovens

Fatores explicitados	Porcentagem
(SIM)- DESEJA SAIR- (C1)	50,00%
Falta de Lazer (S1C1)	10,00%
Estudo (S2C1)	20,00%
Capacitação profissional (S3C1)	20,00%
(NÃO)- DESEJA SAIR-(C2)	40,00%
Bem estar (S1C2)	30,00%
Relações Interpessoais (S2C2)	10,00%
INDECISAS- (C3)	10,00%
Total Geral	100%

Fonte: Elaboração da autora

A partir da análise de conteúdo, os resultados das entrevistas foram agrupados em três categorias, classificadas em ordem decrescente de importância (%). As três categorias são: (Sim)-Deseja sair (C1), (Não)-Deseja sair (C2), Indecisas (C3). Essas três categorias explicamos motivos indicados pelas jovens mulheres do Grupo ficou para desejarem sair/ficar no meio rural futuramente.

A partir da C1, três subcategorias emergiram: Falta de Lazer (S1C1), Estudo (S2C1), Capacitação profissional (S3C1). Os resultados indicam que a falta de lazer (S1C1) do meio rural condiciona o desejo de sair para uma parcela das entrevistadas. A (S1C1) é exemplificada no discurso da entrevistada: *“Eu ia para a cidade porque aqui não tem nada para a gente ir à noite, não tem sorveteria não tem lanchonete [...], não tem festa e é difícil ter aqui só tem [lá]”*. Além da falta de lazer, os resultados mostram que a continuação dos estudos (S2C1) é outro fator agravante para a saída das entrevistadas do campo futuramente.

Os resultados mostram que a busca por capacitação profissional (S3C1) influência para o desinteresse em ficar no campo. Os fatores de atração, estudo, capacitar-se profissionalmente e falta de lazer são apontados por metade das entrevistadas do Grupo 2 como os principais motivos para este desejo de migrar para centros urbanos no futuro. Esses resultados corroboram com o estudo de Ferreira; Alves, (2009) pois, esses autores concluíram que as jovens mulheres saem do campo principalmente devido aos fatores de atração, seja ao buscarem aperfeiçoamento nos estudos, que em geral não são disponibilizados no meio rural; ou também por buscar uma atividade profissional no meio urbano.

A partir da C2, duas subcategorias emergiram: Bem-estar (S1C2) e Relações Interpessoais (S2C2). O bem-estar do meio rural (S1C2) é indicado como o principal fator positivo para o desejo de grande parte das entrevistas em continuar morando no campo, exemplificado no discurso da entrevista: *“Sou mais acostumada com aqui, eu me adapto mais com o campo eu me sinto mais à vontade aqui.”* No entanto, outro fator positivo destacado por uma menor parcela das entrevistadas, são as relações interpessoais fixadas com o meio rural.

4.4 Por que sair do campo?

A Tabela-4 apresenta a quantificação dos fatores justificados para a saída do meio rural do Grupo saiu.

Tabela 4 - Quantificação dos fatores explicitados jovens

Fatores explicitados	Porcentagem
ESTUDO- (C1)	45,00%
Continuação dos estudos (S1C1)	15,00%
Crescimento Profissional/Capacitação (S2C1)	25,00%
Falta de oportunidades/incentivo para jovens (S3C1)	5,00%
EMPREGO- (C2)	35,00%
Fácil Acesso ao comércio (S1C2)	5,00%
Ingresso no mercado de trabalho (S2C2)	30,00%
FALTA DE INFRAESTRUTURA- (C3)	5,00%
Descaso do Governo (S1C3)	5,00%
CASAMENTO- (C4)	15,00%
Difícil acesso/distancia (S1C4)	5,00%
Falta de oportunidades para jovens (S2C4)	5,00%
Morar com o Marido (S3C4)	5,00%
Total Geral	100%

Fonte: Elaboração da autora

A partir da análise de conteúdo, os resultados das entrevistas foram agrupados em quatro categorias, classificadas em ordem decrescente de importância (%). As quatro categorias são: Estudo (C1), Emprego (C2), Falta de Infraestrutura (C3), Casamento (C4). Essas quatro categorias explicam os fatores indicados pelas jovens mulheres do Grupo saiu que motivaram a saída do assentamento.



A partir da C1, três subcategorias emergiram: Continuação dos estudos (S1C1), Crescimento Profissional (S2C1), Falta de oportunidades/incentivo para jovens (S3C1). A dificuldade de continuar os estudos (S1C1) no meio rural é indicada como um dos fatores para a migração de diversas entrevistadas do Grupo saiu. A (S1C1) é exemplificada pelo discurso da entrevistada: *“Por que eu queria sair de lá por causa que precisava estudar e lá não tinha muito recurso para estudar é muito longe da cidade e morando na cidade temos mais recurso para estudar”*.

Outro fator importante considerado por grande parte das entrevistadas é a busca de crescimento profissional/capacitação (S2C1), que geralmente não é oferecido no meio rural. A (S2C1) é exemplificado pelo discurso da entrevistada: *“A pela falta de oportunidade né, que aqui no sítio não tem, e até pela questão de você querer estudar para você exercer a sua profissão é muito difícil, a não ser que você vá para áreas específicas, no meu caso nunca quis nada voltado para a terra: agronomia ou alguma coisa assim era mais áreas que no sítio não dava para ficar mesmo, mas por questão de oportunidades mesmo. Emprego, estudos que fica muito difícil também, saí daqui estudar e voltar pra cá e quase impossível, tem que ficar fora”*.

Este resultado confirma estudos que concluem que há maiores possibilidades de os jovens rurais migrarem do meio rural conforme conquistam níveis de escolaridade maiores ou profissionalizam-se, e normalmente não voltam às propriedades rurais, pois, o campo de atuação profissional restringe-se especificamente à área urbana (BEDNAŘÍKOVÁ et al., 2016; PETINARI et al, 2007). A falta de incentivo para as jovens rurais (S3C1) também foi indicada como um dos fatores para a saída das jovens mulheres.

A partir da C2, três subcategorias emergiram: Fácil Acesso ao comércio (S1C2) e Ingresso no mercado de trabalho (S2C2). Verificou-se que a partir da S1C2, a facilidade do poder de compra do meio urbano é um fator atrativo para a migração do Grupo saiu. O ingresso no mercado de trabalho (S2C2) é o principal fator considerado por muitas entrevistadas para a saída do assentamento nesta categoria analisada.

A partir da (C3), somente uma subcategoria emergiu: Descaso do Governo A (S1C3) é exemplificada pelo discurso da entrevistada: *“É ruim para vir para a cidade porque as estradas são péssimas vamos falar, e as pessoas que deveriam ajudar a*



melhorar as estradas não tão ajudando e aí a gente não tem como vir para a cidade e quando a gente estudava nossa era o maior sacrifício para poder vir, tinha dia que a gente tinha que andar porque os ônibus também não são dos melhores e tem ônibus que são mais velhos que nós, muito velho, eu não sei como que tá funcionando. Aí o transporte, falta de emprego não tem emprego para nós, é só viver do leite, leite [...] é só aquilo é muito ruim”.

A partir da C4, três subcategorias emergiram: Dificil acesso/distância (S1C4), Falta de oportunidades para jovens (S2C4) e Morar com o Marido (S3C4). Os resultados mostram que as grandes distâncias dos centros urbanos é um dos fatores indicado pelas entrevistadas do Grupo saiu. A (S1C4) é exemplificada no discurso da entrevistada: “[...] O fato de ser mais longe, muito [mais distante] então ficaria muito difícil para mim ter um emprego onde eu trabalha-se o dia todo para mim poder estudar a noite, até pelo fato da distância mesmo, não que eu não teria a oportunidade eu teria sim, mais pelo fato da distância e mais complicado no sítio”.

Outro fator verificado que justifica a saída das jovens mulheres do assentamento é a falta de oportunidades para as jovens rurais continuarem no meio rural. A (S2C4) é exemplificada no discurso da entrevistada: “[...] Ah seria uma [oportunidade para o filho de assentado], no caso acredito que [não tem], não tinha jeito como é longe, como aí é longe da cidade e agora que saiu o asfalto, mas na época era chão, que nós sofremos muito até para concluir o ensino médio condução e tudo, oportunidade só, falta de oportunidades”.

Os resultados indicam que o casamento (S3C4) é um dos fatores que contribui para a saída de parte das jovens mulheres do Grupo saiu, devido às jovens rurais migrarem do meio rural para morar com seu cônjuge. A (S1C3) é exemplificada em dois discursos das entrevistadas: Primeiro: “Na verdade eu saí para casar”. Segundo: “No caso meu, eu casei e vir morar na cidade porque na época meu esposo, ex-marido tinha passado em um concurso público, então eu vim em busca de melhoria, porque no caso ele fez o concurso pra melhorar ter mais estabilidade”. Os resultados indicam que, conforme Castro (2005), o casamento é um dos fatores que contribui para a saída das jovens do meio rural em razão da união ocorrer com cônjuge de áreas urbanas ou outras localidades.

4.5 Avaliações do modo de vida do meio rural

O quadro 1 apresenta as avaliações do grupos sobre o modo de vida do meio rural.

Quadro 1 - Avaliações do modo de vida

Grupo saiu		Grupo ficou	
(Bom)-Agradável- (C1)	45,00%	(Bom)-Agradável- (C1)	50,00%
Bem estar/qualidade de vida (S1C1)	45,00%	Relacionados ao Ambiente (S1C1)	50,00%
(Ruim)-Desagradável- (C2)	15,00%	(Ruim)-Desagradável- (C2)	20,00%
Políticas públicas (S1C2)	15,00%	Falta de vocação/prazer (S1C2)	10,00%
Parcialmente Agradável- (C3)	40,00%	Difícil acesso/distância (S2C2)	10,00%
Falta de Infraestrutura (S1C3)	5,00%	Parcialmente Agradável- (C3)	30,00%
Falta de renda (S2C3)	20,00%	Dificuldade de acesso a recursos (tecnologia, educação etc) (S1C3)	10,00%
Difícil/sofrido (S3C3)	5,00%	Tranquilidade (S2C3)	10,00%
Falta de perspectiva profissional (S4C3)	10,00%	Autoprodução de alimentos (S3C3)	10,00%
Total Geral	100,00%	Total Geral	100,00%

Fonte: Elaboração da autora (2017)

A partir da análise de conteúdo, os resultados das entrevistas foram agrupados em três categorias de classificação para a avaliação. As três categorias são: (Bom)-Agradável (C1), (Ruim)-Desagradável (C2) e Parcialmente Agradável (C3). Essas três categorias de classificações explicam as avaliações do modo de vida rural indicadas pelas jovens mulheres dos dois grupos.

A partir da C1, somente uma subcategoria emergiu para os dois grupos: Bem-estar/qualidade de vida (S1C1) para o Grupo 1 e Relacionados ao Ambiente (S1C1) para o Grupo 2. Verificou-se que as maiores porcentagens para ambos os grupos classificam o meio rural como (Bom) Agradável. Os resultados indicam que o Bem-estar/qualidade de vida (S1C1) é o único fator positivo indicado por parte das entrevistas do Grupo 1 para justificar essa classificação.

A partir da C2, somente uma subcategoria emergiu para o Grupo 1: Políticas públicas (S1C2), e duas subcategorias emergiram para o Grupo 2: Falta de vocação/prazer(S1C2) e Difícil acesso/distância (S2C2). Os resultados indicam que há uma razoável quantidade de entrevistadas tanto do Grupo 2 quanto Grupo 1 que classificam o meio rural como (Ruim) Desagradável, e o principal fator de influência verificado para justificar essa classificação para as entrevistadas do Grupo 1 é a falta de políticas públicas (S1C2) específica para a juventude. Outro fator justificado para



a classificação pelas entrevistadas do Grupo 2 é afalta de vocação/prazer (S1C2) com relação ao meu rural.

Os resultados mostram ainda que, a dificuldade e a falta de acesso a recursos (educação, tecnologia entre outros) é um dos fatores indicados pelas entrevistadas do Grupo 2 para justificar essa classificação. A (S2C2) do Grupo 2 é exemplificada no discurso da entrevistada: *“Acho ruim, porque é bem difícil as coisas, porque tudo para fazer você precisa tá na cidade, muitos que a aqui é bem difícil, não tem escola muitos não tem trabalho, ai tem que ir para a cidade, não tem internet não pega celular é muito difícil.”*

A partir da (C3), quatro subcategorias emergiram para o Grupo 1: Falta de Infraestrutura pública (S1C3), Falta de renda (S2C3), Difícil/sofrido (S3C3) e Falta de perspectiva profissional (S4C3). Os resultados indicam que as péssimas condições de infraestrutura (S1C3) do assentamento é um dos fatores negativos indicado pelas entrevistadas do Grupo 1 para justificar essa classificação.

Os resultados indicam que Falta de renda (S2C3), é o principal fator negativo indicado por grande parte das entrevistas do Grupo 1 para justificar essa classificação. Além da falta de renda os resultados mostram que o modo de vida ser considerado difícil/ sofrido (S3C3) em relação às atividades produtivas do campo, é outro fator negativo indicado pelas entrevistadas do Grupo 1 para justificar esta classificação.

Este resultado confirma o estudode Ferreira; Alves, (2009) que indicaram esse aspecto negativo do modo de vida rural, pois, conforme os autores, as atividades do campo são consideradas por parte dos jovens como desgastantes e penosas em razão de horários de trabalho irregulares e ausência de férias e de fins de semanas livres. A Falta de perspectiva profissional (S4C3) com relação ao meio rural éoutro fator negativo indicado pelas entrevistadas do Grupo 1 para justificar esta classificação.

A partir da (C3), de classificação três subcategorias emergiram para o Grupo 2: Dificuldade de acesso a recursos (tecnologia, educação etc) (S1C3), Tranquilidade (S2C3) e Autoprodução de alimentos (S3C3). Os resultados indicam que a dificuldade de acesso a recursos (S1C3) é um dos fatores negativos indicado pelas entrevistadas do Grupo ficou para justificar essa classificação.



Os resultados indicam que o estilo de vida tranquilo que o ambiente rural oferece (S2C3), é um dos fatores positivos indicado pelas entrevistadas do Grupo ficou para justificar está classificação. Outro fator positivo verificado que justifica está classificação é Autoprodução de alimentos (S3C3). Estes fatores, tranquilidade e autoprodução de alimentos dentre outros é retratado na pesquisa de Moura; Ferrari, (2016). Conforme os autores, a autonomia nos trabalhos da propriedade (na realização, organização e tempo de trabalho), e a autopromoção de alimentos são aspectos positivos do modo de vida rural.

4.6 Comparação dos níveis de satisfação

O quadro 2 apresenta avaliação dos grupos a respeito de seus respectivos níveis de satisfação.

Quadro 2- Níveis de satisfação

Grupo saiu		Grupo ficou	
Nada satisfeita	10,00%	Nada satisfeita	10,00%
Pouco satisfeita	-	Pouco satisfeita	20,00%
Mediamente satisfeita	15,00%	Mediamente satisfeita	10,00%
Satisfeita	50,00%	Satisfeita	50,00%
Muito Satisfeita	25,00%	Muito Satisfeita	10,00%
Total Geral	100,00%	Total Geral	100,00%

Fonte: Elaboração da autora

Considerando as classificações dos níveis de satisfação, verificou-se que há semelhanças e diferenças entre os dois grupos. Dentre as semelhanças, verificou-se que os níveis de satisfação para ambos os grupos foram iguais com relação às classificações: nada satisfeita e satisfeita. Dentre as diferenças: há uma razoável parcela de entrevistadas do Grupo 2 que se consideram pouco satisfeitas comparado ao Grupo 1.

A proporção de entrevistadas com nível satisfação de muito satisfeita é mais baixa para o Grupo 2 comparando-se ao Grupo 1. Portanto, os resultados indicam que as jovens mulheres do Grupo 1 consideram-se mais satisfeitas em comparação ao Grupo 2 e uma das possíveis explicações é o Grupo 1 estar em melhores condições



sociais e econômicas na atualidade.

5. Conclusões

Dada a importância da juventude para garantia do futuro do meio rural, pois, são os jovens as novas gerações de agricultores, o objetivo deste estudo foi analisar os fatores que influenciam a decisão das jovens mulheres do assentamento Guanabara em permanecerem na área rural ou migrarem para os centros urbanos.

Os resultados revelaram que os principais fatores que contribuíram para a continuação delas no campo foram: fatores relacionados ao contexto familiar. A partir disso, concluímos que as jovens mulheres que ainda permaneceram no meio rural continuaram em razão da falta de autonomia tanto pessoal (maioridade) quanto financeira frente ao contexto familiar. Além disso, também verificamos que os principais fatores que influenciaram o processo migratório foram: estudo e emprego.

Desse modo, é possível concluir que a migração das jovens mulheres ocorre devido à busca por níveis maiores de formação educacional e profissional, e uma das possíveis explicações para a migração, é a falta de acesso a formação tanto educacional quanto profissional inexistente ao meio rural. Ao comparar os dois Grupos, verificou-se que as entrevistadas do Grupo 1 apresentaram maiores níveis de satisfação. Uma das possíveis explicações é que as jovens do Grupo 1 terem alcançado níveis mais elevados de formação educacional e desempenharem alguma atividade profissional comparando ao Grupo 2.

Esse estudo apresenta algumas limitações. Primeiro, a área de estudo é próxima ao centro urbano, o que possivelmente pode influenciar as escolhas de migração e sucessão das jovens mulheres. Segundo, não há muitos estudos existentes que analisam, avaliam e identificam a intenção de migração e sucessão rural com jovens mulheres no contexto do específico do agronegócio, o que impossibilita a realização de comparações dos resultados encontrados com a literatura disponível.

Partindo dos resultados encontrados, as decisões estratégicas sobre políticas públicas podem ser feitas de forma mais efetiva, priorizando a qualidade de vida de jovens e mulheres no meio rural, e umas das sugestões é a inclusão produtiva de jovens e mulheres de maneira que fomente tanto a formação educacional quanto



profissional do meio rural, e assim consequentemente exista incentivo para a permanência/retorno destas jovens. Portanto, sugere-se que novos estudos sejam desenvolvidos em diversos assentamentos e propriedades rurais com diferentes abordagens metodológicas visando contribuir para o preenchimento dessa lacuna na produção científica.

7. Referências

ABRAMOVAY, R. et al. *Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios*. Brasília: Edições Unesco, 1998.

ABRAMOVAY, R. Juventude rural: ampliando as oportunidades. Raízes da terra: parcerias para a construção de capital social no campo. Brasília, ano 1, n 1, 2005.

BEDNAŘÍKOVÁ, Z.; BAVOROVÁ, M.; PONKINA, E. V. Migration motivation of agriculturally educated rural youth: The case of Russian Siberia. *Journal of Rural Studies*, v. 45, p. 99-111, 2016.

BERGAMASCO, S. M.; NORDER, L. A. C. O que são assentamentos rurais? São Paulo: Brasiliense, 87 p. 1996.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 11.326 de 25 de julho de 2006. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11326.htm>. Acesso em: 28 abr. 2022.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário. Brasília, DF: MDA, 2017. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/>>. Acesso em: 28 abr. 2022.

BREITENBACH, R.; CORAZZA, G. Professional qualifications and relations with the generational succession among rural youths, Brazil. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Nínez y Juventud*, v. 17, n. 2, p. 1–34, 2019.

BRUMER, A. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. de (Org.). *Juventude Rural em Perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v.2, n.15 p.43-66, jul/dez 1999.

CARVALHO, V. R. F. Sucessão da atividade na pequena propriedade rural na perspectiva da família e de gênero. XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Anais...Londrina – PR, 2007.



CASTRO, E. G. Entre ficar e sair: uma etnografia da construção da categoria jovem rural. 2005. 380 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

DOTTO, F. Fatores que influenciam a permanência dos jovens na agricultura familiar, no estado de Mato Grosso do Sul. 2011. 113 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2011.

FACIONI, D. Análise da sucessão em assentamento rural no estado de Mato Grosso do Sul. Dissertação (Mestrado em Administração), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande/MS, 2013.

FERREIRA, B.; ALVES, F. Juventude rural: alguns impasses e sua importância para a agricultura familiar. In: CASTRO, J. A.; AQUINO, L. M. C.; ANDRADE, C. C. (Org.). Juventude e políticas sociais no Brasil. Brasília: Ipea, 2009. p. 243-258. Disponível em:

FOGUESATTO, C. R.; MACHADO, J. A. D. A tomada de decisão dos jovens no processo migratório rural- urbano no Brasil: panorama entre 1970 e 2010. Enciclopédia Biosfera, Goiânia, v.11, n.21, p.2793-2802, 2015.

GARASKY, S.; HAURIN, R. J.; HAURIN, D. R. Group living decisions as youths transition to adulthood. Journal of Population Economics. v. 14. n. 10 p. 329-349. 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. IBGE Cidades. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

_____. Censo Estatístico 2000 e 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 19 /03/ 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE REFORMA AGRÁRIA - INCRA. Disponível em: <<http://painel.incra.gov.br/sistemas/index.php>>. Acesso em: 28 abr.2022.

MOREIRA, F. G. Sucessão da gestão na agricultura familiar: um estudo de caso no assentamento Santa Olga no município de Nova Andradina em Mato Grosso do Sul. Dissertação de Mestrado. UFGD, Dourados/MS, 2014.

MOURA, N. F; FERRARI, E. A. Juventudes e agroecologia: a construção da permanência no campo na zona da mata mineira. - Rio de Janeiro: ANA ; Viçosa: CTA-ZM, p. 64, 2016.

PANNO, F.; MACHADO, J. A. D. Influências na decisão do jovem trabalhador rural partir ou ficar no campo. Desenvolvimento em Questão, v. 12, n. 27, p. 264-297, 2014.

PANNO, F.; MACHADO, J. A. D. SUCESSÃO GERACIONAL NA AGRICULTURA FAMILIAR: VALORES, MOTIVAÇÕES E INFLUÊNCIAS QUE ORIENTAM AS DECISÕES DOS ATORES. 2016. 166 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

PETINARI, R. A.; TERESO, M. J. A.; BERGAMASCO, S. M. P. P. Agricultura familiar em microbacias do noroeste do estado de São Paulo: estratégias de reprodução e organização. 2007. 226 f. Tese (Doutorado em Engenharia Agrícola) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

SILVA, C. R.; GOBBI, B. C.; SIMÃO, A. A. O USO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO COMO UMA FERRAMENTA PARA A PESQUISA QUALITATIVA: DESCRIÇÃO E APLICAÇÃO DO MÉTODO. 2005. Disponível em <<http://www.redalyc.org/pdf/878/87817147006.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2017.

WEDIG, J. C.; MENASCHE, R. Entre o campo e a cidade: o lugar do consumo na mobilidade material e simbólica de jovens rurais. In: PINTO, M. L.; PACHECO, J. K. (Org.). Juventude, consumo e educação. Porto Alegre: ESPM, 2009, pp. 95-112.

WEISHEIMER, N. Relatório técnico da pesquisa de caracterização dos jovens na agricultura familiar no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Convênio MDA/FAURGS-2006, 2007.